

BIOÉTICA E LITERATURA EM “O IMORTAL”: uma reflexão sobre
imortalidade com um ponto sem retorno¹
BIOETHICS AND LITERATURE IN “THE IMMORTAL”: a reflection
about immortality as a point of no return

Valdemberg Alves Nobre²
Roberta Marina Cioatto³

RESUMO: A bioética não consegue sozinha pensar sobre os problemas que surgem com a capacidade cada vez mais ilimitada do ser humano em modificar o mundo e a si mesmo. Nessa área desconhecida estão as tecnologias sobre imortalidade. Embora existam apenas na teoria, já contam com pesquisas e financiamentos. Essa mudança desafia o entendimento sobre as implicações éticas de tornar praticamente sem fim o que naturalmente é mortal. Por não possuir essas limitações, a literatura torna-se um aliado poderoso nessa discussão; ao criar um universo fictício semelhante ao real, os conflitos tornam-se palpáveis e consegue-se imaginar as várias implicações dessa biotecnologia. Este artigo busca contribuir à discussão do tema, através de uma metodologia que faz uso do texto fictício como guia central das discussões. Foi escolhido o conto “O Imortal” do escritor Borges, que traz uma nova perspectiva sobre o assunto da imortalidade como ponto sem retorno.

Palavras-chave: Literatura. Bioética. Imortalidade. Morte. Filosofia.

ABSTRACT: Bioethics alone cannot think about the problems that arise with the increasingly unlimited capacity of human beings to modify the world and themselves. In this unknown area, there are technologies about immortality. Although existing only in theory, they already have research and financing. This change challenges the understanding of the ethical implications of rendering practically endless what is naturally mortal. Because it does not have these limitations, literature becomes a powerful ally in this discussion; by creating a fictional universe similar to the real one, conflicts become easier to grasp and one can imagine the various implications of this biotechnology. This article seeks to contribute to the discussion of the theme, through a methodology that uses a fictitious text as a central guide of the discussions. The short-story “The immortal” by writer Borges was chosen, bringing a new perspective on the subject of immortality as a point of no return.

Keywords: Literature. Bioethics. Immortality. Death. Philosophy.

¹ Este trabalho foi escrito pelo discente, sob orientação e revisão da docente.

² Advogado. Pós-graduando em Gestão Pública Municipal – UECE. Pós-graduado em Advocacia Contenciosa Cível - Faculdade Legale. Bacharel em Direito pelo Centro Universitário Paraíso – UniFAP. E-mail: valdembergnobre@gmail.com

³ Doutora em Direito pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Mestre em Direito pela Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC. E-mail: robertacioatto@gmail.com

INTRODUÇÃO

No livro *Conversaciones con Borges*, o jornalista e escritor Roberto Alifano relata em uma passagem o comentário que Jorge Luis Borges fez sobre uma ameaça de morte contra ele e sua mãe na década de 50, dizendo “De que outra forma se pode ameaçar que não seja de morte? O inteligente, o original, seria que alguém ameace a outro com a imortalidade.” (1986, p. 100, tradução nossa). Mesmo sem essa intenção, a ideia do escritor argentino sintetiza e serve como uma aplicação de seu famoso conto “O Imortal” (Borges, 1999, p. 593), em que a imortalidade pode ser vista como uma ameaça, um fardo indesejável. Nele, Borges descreve a jornada de um oficial romano que parte em busca do rio que concederia imortalidade a quem bebesse de sua água. Auferindo seu objetivo, percebe as inúmeras consequências que advém da condição de ser imortal. Carregado de ironia e paradoxos, típicos do autor argentino, o conto realiza conjecturas sobre as implicações de uma possível alteração fundamental da natureza humana: tornar perpétua a vida do homem, naturalmente efêmera. A imortalidade ainda não é uma realidade palpável, tampouco a aplicação direta de técnicas científicas de prolongamento da vida em humanos a fim de aumentar suas capacidades naturais. Por não possuir essas limitações, a literatura torna real em seus escritos um mundo onde, não só a biotecnologia já se encontra avançada, como é suficientemente utilizada para moldar o ser humano.

O universo fictício criado possibilita estender o conhecimento das consequências éticas do uso de modificações biológicas, revelando se é moralmente aceitável querer as mudanças ou se é melhor prosseguir com cautela e não caminhar rumo ao mesmo destino da ficção. É justamente por conter questões sobre vida, morte e imortalidade, que a obra escolhida para exame neste artigo proporciona o palco para uma reflexão consoante à Bioética. Este artigo tem como objetivo utilizar o conto “O Imortal” como exemplo de experimento de pensamento sobre imortalidade e suas consequências. Por meio de uma metodologia que faz uso do texto fictício como guia, o conto “O Imortal” pode ser entendido como um exemplo do caráter da imortalidade como “Ponto sem retorno”, expressão popular cujo significado pode ser resumido em “um ponto crucial do qual voltar atrás ou revertê-lo não é mais possível” (Point of no return, 2024, tradução nossa). Essa característica da imortalidade no conhecimento e na existência humana, não muito abordado nos debates

sobre Imortalidade, incorre necessariamente em prudência na hora de realizar mudanças como esta, onde não será possível restabelecer o status quo original.

1. A LITERATURA E A BIOÉTICA: metodologia frutífera

Explicar a relação entre literatura e bioética e quais benefícios que a mesma produz é importante para entender a metodologia deste trabalho. Assim, ficará claro após essa seção que usar obras literárias como ferramenta na produção de pesquisas ou para ensino relacionados à bioética é uma metodologia benéfica e capaz de produzir resultados proveitosos. Antes de abordar o conto "O imortal" como roteiro para as discussões sobre imortalidade, é salutar trazer alguns exemplos de como o uso dessa metodologia interdisciplinar produz bons frutos. De forma geral, utiliza-se a narrativa como um experimento de pensamento filosófico para guiar as discussões sobre um tema.

O simpósio Bioethics and Literature, realizado pelo Journal of Bioethical Inquiry, mostra em seu resumo que Literatura e Bioética possuem várias áreas de sobreposição (Gillett; Bowyer, 2014). Nesse evento, diversas publicações científicas sobre temas variados das discussões bioéticas foram feitas utilizando obras literárias como base para a pesquisa. Esse espaço compartilhado entre ambas as áreas beneficia o pesquisador, pois amplia sua capacidade de sensibilidade aos problemas morais, possibilitando uma visão holística dos mesmos por meio de narrativas literárias. No mesmo simpósio, um dos artigos publicados discorre em seu início sobre como é tênue a linha entre fato e ficção e de como não importa se as vidas descritas nas narrativas são mais ou menos reais; as histórias nelas contidas permitem a reflexão, avaliação e arrependimento (Ashby; Rich, 2014, p. 109). Mais adiante, os autores escrevem sobre como a literatura é universal a todos os povos, o que significa que para conseguir aplicar a bioética finalmente em escala global, talvez a chave esteja nas histórias contadas em cada cultura. Na área médica, uma proveitosa aplicação da junção entre literatura e bioética foi feita na Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia, em que por meio da reforma curricular implantou-se o Eixo ético-humanístico, que trouxe como ferramenta adicional ao ensino de bioética o uso de textos literários (Nery Filho, 2013). Após essa prática de ensino, alunos e professores constataram o efeito de ampliar suas reflexões éticas em problemas que dizem respeito ao exercício de suas

profissões, fornecendo à relação bioético-literária um caráter prático de ação, reforçando a multitude de usos, tanto teórico quanto práticos, da mesma ligação. Há uma descrição da metodologia aplicada com um experimento real que observou a aplicação em sala de aula da obra “As intermitências da morte”, de José Saramago (Santos; Lins; Menezes, 2018). Nota-se que o trabalho expõe a experiência pessoal da leitura que os alunos envolvidos tiveram e como isso auxilia o processo de formação ética do profissional da saúde.

A Profa. Dra. Daniela Carpi, em sua edição do livro *Bioethics and biolaw through literature*, reúne vários trabalhos realizados por meio de obras ficcionais que fazem questionamentos sobre bioética e biodireito (2011). Novamente, a relação entre literatura e bioética fica mais do que constatada, especialmente com o comentário da própria Carpi, afirmando que “A Literatura é útil ao criar experimentos mentais que nos alertam sobre os problemas do mundo real” (Carpi, 2011, p. 6., tradução nossa). Essa forma de pensar a literatura, como possibilidades de criação de universos que facilmente podem ser transpostos e aplicados ao mundo real, com seus problemas éticos alertando para as suas próprias dificuldades, amplia ainda mais o volume de sobreposição com a bioética. Claramente esse raciocínio se aplica ao conto “O imortal”, em que a imortalidade adquirida por um ser humano gera toda forma de complicação ética, material e existencial.

2. O DESEJO DE IMORTALIDADE DO SER HUMANO

Com os avanços na medicina do século XX, em especial no uso de tecnologias e tratamentos que aumentam a expectativa de vida de pacientes antes terminais, e até mesmo a cura em algumas situações, o paradigma na área da saúde mudou para o curar feito a todo custo, segundo Pessini (1996). Essa forma de enxergar a vida humana apenas em sua materialidade traz sobre o morrer o estigma de um fim amaldiçoado, em que o conhecimento humano, agora munido de ferramentas capazes de prolongar e evitar certas mortes, de algo que se deve evitar ao máximo, mesmo que isso cause sofrimentos graves, tanto físicos e mentais, àqueles que continuam “vivendo”. Esse desejo pela vida a todo custo pode ser tratado como uma busca pelo imortal, por aquilo que não perece, já que morrer é visto como uma falha do conhecimento atual limitado, e não como condição natural (Pessini, 1996, p. 32). O desejo pela imortalidade não surgiu com a contemporaneidade, mas ressignifica-se

ao explorar pensamentos até então desacreditados. Se antes a ideia de adiar a morte era utópica, hoje há cada vez mais adeptos, que pesquisam e financiam estudos sobre o prolongamento da vida e formas de retardar e parar o processo de envelhecimento (Downey, 2015). Na obra “O Imortal”, o início do conto relata sobre como o protagonista Marco Flamínio era um tribuno militar (oficial do exército romano), que guardava um posto sem muita glória, enquanto outros lutavam nas batalhas. Flamínio queria ter presenciado a guerra de perto e mostra sua decepção ao dizer “eu mal consegui divisar a face de Marte. Essa privação me doeu e foi talvez a causa de eu ter me lançado, por temerosos e extensos desertos, a descobrir a secreta Cidade dos Imortais.” (Borges, p. 594).

Essa informação revela o motivo que Flamínio possui para buscar uma vida sem morte, pois o fracasso de obter conquistas imortais impulsionou sua viagem para conseguir a imortalidade física. Pode-se dividir a imortalidade em duas concepções: uma é a histórica e a outra é a física. A primeira é baseada na imortalidade empírica, encontrada nas ideias dos gregos e romanos (Jonas, 1962, p. 1). Diz respeito ao desejo de, por meio de atos de grandeza e grande importância, tornar-se conhecido e lembrado pelas gerações futuras. Significa uma imortalidade em que a matéria corporal acaba, mas há um legado que permanece enquanto durar existir a lembrança histórica.

Já o sentido de imortalidade física existe ao longo da história com a procura de técnicas que poderiam estender a vida ou mesmo conceder uma vida imortal. O exemplo mais conhecido são os alquimistas, que desde o Egito antigo até o início da modernidade procuram controlar a natureza por meio da prática de conhecimentos pseudocientíficos, onde a busca pela imortalidade era um dos maiores objetivos (Multhauf; Gilbert, 2021). Essa distinção demonstra que Flamínio passa de um desejo por glória e eternidade na história para um anseio pela vida imortal no âmbito corporal e material, o que motiva sua jornada à Cidade dos Imortais. Com a nova ascensão da biotecnologia, o significado de imortalidade física fica mais plausível e deixa de ser apenas os sonhos impossíveis de outrora. Dessa forma, surge a pergunta sobre como a bioética lida com a possibilidade de um ser humano tornar-se imortal e se isto seria moralmente desejável e digno de busca.

3. SER OU NÃO SER IMORTAL? EIS A QUESTÃO

Durante o conto, Marco Flamínio procura incessantemente o rio da Cidade dos Imortais, e por meio do acaso, prestes a morrer de sede por tanto vagar inutilmente pelo deserto, avista a cidade ao longe (Borges, 1999, p. 597). Fraco e quase desmaiando, bebe a água de poços abastecidos por um pequeno riacho, que fica perto do local, onde uma tribo de desconhecidos habita pacificamente. Decide, depois de já recuperado, entrar na cidade e tentar encontrar os imortais. Sem sorte, acaba por andar pela cidade sem achar aquilo que procurava. Ao sair, decide permanecer com essa tribo e faz amizade com um dos integrantes, o qual posteriormente descobre ser este o escritor Homero que se tornou um dos imortais. Os poços, onde Flamínio saciou sua sede, era a água que concedia a imortalidade. Os Imortais eram a tribo. Já não possuíam mais sensibilidade ao mundo e às pessoas ao redor, até mesmo o tempo era ignorado por eles. Nesse desenvolvimento do texto, pode-se entender que a imortalidade é adquirida muito antes de o personagem refletir sobre as reais consequências do que está fazendo. Antes de possibilitar esse tipo de biotecnologia, aqueles que trabalham nessa busca devem refletir sobre suas implicações, pois é apenas lógico e sensato fazê-lo. Um exemplo claro dessa preocupação foi a elaboração do relatório do Conselho de Bioética do Presidente dos Estados Unidos em outubro de 2003, chamado *Beyond Therapy: Biotechnology and the Pursuit of Happiness*. Há 4 áreas temáticas nesse documento, incluindo uma seção chamada “Corpos sem idade” (The President's Council on Bioethics, 2003, p. 158, tradução nossa).

O documento versa sobre as pesquisas feitas até aquele momento para aumentar a expectativa de vida em organismos. Também aborda os desafios que o prolongamento da vida e de uma eventual forma de imortalidade produzem no entendimento ético e material. Em sua análise, os membros do conselho separaram entre consequências ao indivíduo e à sociedade. Assim como o personagem de Borges perde seu senso de comprometimento e urgência, o mencionado Conselho de Bioética lista essas atitudes como as que seriam bastante afetadas no caso do prolongamento indefinido da vida, pois sem uma ideia presente de mortalidade, há uma natural tendência a postergar e a não se importar com o agora, pois sempre haverá “os amanhãs” (The President's Council on Bioethics, 2003, p. 188). Ademais, existiriam efeitos sobre a questão de como encarar a morte e sobre o clássico entendimento

do ciclo da vida. Reflete-se sobre a ideia da pós modernidade da morte como um erro, como algo a ser superado. Marco Flamínio experimenta no conto “O Imortal” a mudança de perspectiva quando se vive para sempre, que talvez seja melhor representado por sua consideração sobre a natureza da mortalidade. “Tudo, entre os mortais, tem o valor do irrecuperável e do inditoso. Entre os Imortais, ao contrário, cada ato (e cada pensamento) é o eco de outros que no passado o antecederam [...]” (Borges, 1999, p. 605). Essa apatia é um ponto a se considerar, pois se aplica a ação humana diretamente, e a moral como valoração da atividade humana para com outros seria afetada, com a sensação de que há mais tempo para ser melhor no futuro.

Na esfera pública de consequências surgem, segundo o mesmo relatório, alterações nas dinâmicas familiares e geracionais. Uma ausência de renovação e consequente novidade na sociedade. Ora, se há um grupo de pessoas que podem viver indefinidamente, essas não sentiriam o impulso natural de permitir a participação dos jovens em espaços de poder, pois não há desgaste físico. O resultado é uma sociedade cada vez mais velha sem nenhuma possibilidade de renovação, o que traria alguns problemas. É justamente a dialética entre o novo e o antigo que permite a síntese dessas forças e produz oportunidades de inovação, não só no campo familiar, mas em todas as instituições que formam a sociedade. De forma semelhante, o filósofo e cientista político Francis Fukuyama escreveu sobre as consequências da biotecnologia no campo político e econômico (Fukuyama, 2002, p. 57). Com base nas consideráveis reformas necessárias que devem ser feitas em setores de previdência, nas hierarquias sociais, na política mundial e nos paradigmas econômicos de pensamentos, o prolongamento de vida deve ser muito bem debatido e estudado antes de posto em prática (Fukuyama, 2002, p. 57).

Levanta-se inclusive a hipótese sobre um suposto dever de morrer, como feito por Lopes, onde através de argumentos e deduções concluiu que esse dever está “alicerçado não num suposto bem em si da mortalidade, mas no bem que é a natalidade.” (Lopes, 2013, p. 181). A condição natural da mortalidade está intimamente atrelada à natalidade. Ao passo que os seres humanos se tornassem imortais, o desejo, a necessidade e as condições materiais negariam a possibilidade do nascimento. Em um mundo onde todos vivem para sempre, ou ao menos a expectativa de vida sobe consideravelmente, há comprovações de que a taxa de natalidade inversamente diminuiria (The President's Council on Bioethics,

2003, p. 165). Lopes, ao interpretar Hans Jonas, lembra que a natalidade é condição humana, pois permite a autorrenovação, autodiferenciação e desenvolvimento (Lopes, 2013, p. 185). A autorrenovação é aquilo que permite que aqueles que chegam agora ao mundo possam reinterpretá-lo, de tal maneira que seria impossível que alguém já “adulto” ou “idoso” fizessem, condicionado pela sua formação e por seu tempo de vida. Autodiferenciação é permitir o outro, pois por meio da concepção da vida humana forma-se um indivíduo único, que carrega em si alteridade, permitindo sempre o diferente vir a existir. O desenvolvimento remete ao já explicado no parágrafo anterior, com a sempre transformação das ideias e dialética que nasce do novo com o antigo.

Borges parecia entender essa condição, pois ao final de seu conto o já cansado Flamínio diz “[Quando se é imortal] Não há coisa que não esteja como que perdida entre infatigáveis espelhos.” (Borges, 1999, p. 605, grifo nossos). Não existindo mortalidade, a vida seria uma eterna reflexão dos mesmos pensamentos, de pessoas iguais, sem indivíduos recém-chegados com sua identidade para descobrir e mudar o novo em si e no mundo. A defesa feita pelos chamados proponentes da imortalidade contesta a forma que são expostos os problemas e dificuldades que viriam com o prolongamento e uma possível imortalidade (2013, p. 173). Para eles, os problemas podem ser previstos e inclusive solucionados, como a citada questão da distribuição do uso à tecnologia da imortalidade, seria gradualmente acessível como todas as outras formas de inovação recém-lançadas à sociedade. No entanto, essa contra-argumentação são baseadas em simplificações e por vezes desconsideram as forças e interesses econômico-sociais envolvidos na produção de tal biotecnologia. Visto que o objeto estudado ainda não está no presente, é fácil supor uma solução para problemas hipotéticos. O problema é que isso demonstra uma certa “inocência” dos proponentes da imortalidade quanto ao real controle, abusos e extrapolação dos limites éticos da ciência e do desenvolvimento, já há muito descritos por Hans Jonas na sua formulação do Princípio Responsabilidade (Jonas, 2006) e nas aplicações do mesmo.

A tecnologia é a ação humana que deriva do poder de transformação da realidade natural do mundo. Justamente por ser uma ação feita por humanos e tendo como fim a própria humanidade é que ela está sujeita à análise moral (Jonas, 1982, p. 892). Essa constatação feita por Jonas demonstra que toda tecnologia, descrita por ele como capacidade, é em geral “boa por si ou nela mesma”. Porém, algumas dessas capacidades

tecnológicas estão intrinsecamente ligadas a um risco de danos maléficos, mesmo sobre o pretexto de serem usadas apenas com boas intenções. A simples ideia de que uma tecnologia será boa ou má a depender de seu uso não existe. O que toda tecnologia carrega, mesmo em sua utilização benevolente, é uma ameaça que supera todo o proveito, capaz de dizer a última palavra. Este uso será sempre alvo não de certezas e previsões exatas, mas sim de adivinhações probabilísticas sobre as possíveis consequências do que pode ocorrer, mais parecidas com um rol exemplificativo do que um taxativo. Esse caráter, que se aplica à imortalidade, facilmente lembra a definição do conceito de Ponto sem Retorno, o qual será aplicado ao debate da imortalidade e relacionado com o conto “O Imortal”.

4. PONTO SEM RETORNO COMO CONDIÇÃO INTRÍNSECA DA IMORTALIDADE NO CONHECIMENTO HUMANO

Em uma passagem do conto, o personagem Flamínio descreve, com certo espanto, sua conclusão ao andar pela Cidade do Imortais:

“Esta Cidade [...] é tão horrível que sua mera existência e perduração, embora no centro de um deserto secreto, contamina o passado e o futuro e, de algum modo, compromete os astros. Enquanto perdurar, ninguém no mundo poderá ser valoroso ou feliz.” (Borges, 1999, p. 597).

Ao examinar o trecho, fica aparente que a Cidade dos Imortais pode ser entendida como a obra erigida através da imortalidade. É uma metáfora para o conjunto material das consequências que surgem com a imortalidade e como elas perduram, assim como uma cidade, no tempo e no espaço. Além disso, é apresentado o caráter de mudança total causado pela imortalidade. Mesmo que no início seja algo restrito e com um controle aparentemente eficaz, tanto a maneira de se interpretar o passado quanto a determinação do futuro serão totalmente diferentes por conta dela. Isso significa que a manutenção do status quo ou qualquer ideia de controle com a descoberta da imortalidade serão virtualmente impraticáveis. Os efeitos descritos na seção anterior, além de muitos que ainda não foram previstos, afetarão de forma significativa a humanidade. Se a “Cidade dos imortais” vir a existir, será um verdadeiro Ponto sem retorno no conhecimento humano. A expressão “ponto sem retorno” (point of no return, em inglês) é quando existe um limite, que se

ultrapassado, não permite voltar atrás nem reverter o que já foi feito. Mas há um outro significado que remete à história por trás da expressão, que surgiu de uma condição bastante curiosa que acontece na aviação.

Conforme o dicionário Merriam-Webster, a expressão *point of no return* tem como um dos significados “o ponto no voo de uma aeronave além do qual o combustível restante torna-se insuficiente para retornar ao ponto de partida, com o resultado de que a aeronave deve prosseguir” (*Point of no return*, 2024, tradução nossa). É como se ocorresse um estado de impossibilidade de retorno ao status quo original, onde a única saída é seguir em frente. De modo semelhante essa é uma característica atrelada ao conhecimento sobre a imortalidade, pois uma vez alcançado esse objetivo o “ponto sem retorno” será cruzado. De outra forma, não existe na prática uma forma de controlar e de administrar quem, como e para que será usado o conhecimento sobre imortalidade, nem como apagar da história a consciência de que existe esse saber. Pode-se recorrer à história para identificar um exemplo de ponto sem retorno na modernidade, após o qual a vida e existência humana foram profundamente afetadas. Esse foi o caso da produção de armas nucleares no início da era atômica com. Diz-se que a produção atômica e os testes de armas nucleares são “considerados o nascimento dessa nova era tecnológica, cujas consequências indesejáveis não podem mais ser previstas de antemão e portanto controladas e evitadas.” (Lisboa, 2009, p. 32).

Essa é uma das características vinculadas à nova forma com que o conhecimento científico dirigiu a humanidade, com seu auge no início do século XX. A ciência sofre uma inversão no processo de construção dos saberes. Antes era necessário pensar, ponderar, permitir que o conhecimento fosse debatido e comprovado e sofresse críticas para só então, se ainda fosse algo viável e desejável, prosseguir com sua implantação. Lisboa, através do pensamento de Castoriadis, afirma que a revolução científica contemporânea, buscando a rapidez no processo de produção e aplicação de conhecimentos, pula as etapas clássicas da ciência, produzindo antes de discutir (Lisboa, 2009, p. 36). Isso ocorre com o auxílio de critérios e limites de segurança criados para esconder uma subjetividade latente, uma autonomização da tecnologia que rege a si mesmo, incapaz de enxergar o futuro.

A tênue defesa, portanto, dos proponentes da imortalidade passa a esbarrar no mesmo escopo de produção científica, de que se pode produzir primeiro, prometendo um

futuro bom e sem falhas. Para esses, já foram resolvidas as críticas e avaliados os riscos, embora não tenha sido avaliado sobre esse eventual ponto sem retorno. Esse pensamento pode ser resumido no pensamento: “nesta ilusão de onipotência encontramos a fuga frente à morte e a sua negação: no hospital, no acelerador de partículas, nos laboratórios de biotecnologia etc.” (Lisboa, 2009, p. 37). Um argumento contrário que possa surgir à ideia de que a imortalidade é um “ponto sem retorno” é que ela não é uma arma, nem é feita com essa finalidade, ao contrário das bombas nucleares. Isso poderia permitir o incessante desejo pela busca do viver para sempre, de “achar a cidade dos imortais e beber de seu rio da vida”. Realmente, se isoladas de outros critérios e tendo em consideração apenas sua finalidade inicial, ambas são diferentes. Mas as armas nucleares só se tornaram um perigo existencial após o investimento na pesquisa de cientistas que buscavam compreender melhor os átomos, uma finalidade que por si só não era má.

Esses mesmos cientistas não participavam ativamente na política, nem se interessavam no debate popular sobre o caráter ético de suas próprias criações. Viviam pelo que o físico alemão Max Born comparava à arte pela arte, onde a máxima é avançar o limite do conhecimento humano apenas para expandir o mesmo (Lisboa, 2009, p. 34). As criações tecnológicas, aqui incluída o desenvolvimento da imortalidade como extensão indefinida da vida, não são postas no mundo isoladas de outras áreas, especialmente a economia e a política. A biotecnologia deve sempre se atentar às consequências em outras áreas, buscando sempre uma visão holística das questões éticas envolvidas. Essa visão holística busca evitar novos “pontos sem retorno” na humanidade e evitar que as decisões pertinentes à vida e morte sejam concentradas nas mãos de poucos. Destaca-se que aqui não se faz uma defesa pela estagnação do conhecimento científico, que seria prejudicial à humanidade. O que se defende é a necessidade de fomentar debates, de permitir que tecnologias sejam buscadas com a participação da sociedade e que existam discussões antes mesmo da procura da mesma. Entender as consequências e saber o que realmente significa a imortalidade com “ponto sem retorno” na história humana deve ser um debate presente, em especial com os desenvolvimentos rápidos na medicina e informática. Usar a plataforma literária como instrumento de reflexão nos permite conhecer possibilidades sobre determinada ação, usando-os como experimentos de pensamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No conto, após toda sua vida como imortal, Marco Flamínio termina seu relato de uma forma singular. Depois de ter encontrado o rio da imortalidade e vivido quase 2000 anos entre cidades, desertos, navios, florestas e outras jornadas, consegue achar o rio de histórias que os imortais acreditavam existir. Este concederia de volta a mortalidade há muito tempo perdida (Borges, 1999, p. 606). Quando bebe desse rio, sente-se diferente, percebe que não durará muito. Em uma viagem ao regressar de Esmirna, ele morre no mar e o conto “O Imortal” revela-se como sua autobiografia. Borges, ao criar esse cenário, permite uma análise crítica sobre alcançar a imortalidade a todo custo. Os que assim o fazem acreditam ser a solução ideal para resolver o julgam ser o problema central da humanidade, a morte. É justamente com a história de Flamínio que Borges permite ao leitor um questionamento se a morte deveria ser considerada uma vilã por si mesma. Se a imortalidade, usada sempre como meio para atingir fins posteriores, permite justificar uma vida eterna cheia de felicidade, talvez as consequências desse conhecimento técnico acabem por anular seu propósito. Com o uso de uma metodologia dinâmica conjugando literatura, bioética e filosofia, esse artigo buscou examinar o conto “O Imortal”, do escritor argentino Jorge Luis Borges, e sua conexão com as críticas feitas às pesquisas que buscam a imortalidade, cada vez mais próxima da realidade humana. A possibilidade de extensão da vida, inclusive de forma virtualmente infinita, invoca para esse campo a atuação da ética frente às novas biotecnologias e exige pesquisas próprias. Isso fica mais aparente quando se demonstra no presente artigo a característica que a imortalidade possui de “ponto sem retorno” no conhecimento humano. Para chegar a essa conclusão, foram utilizados argumentos ético-filosóficos, como o princípio responsabilidade e da autonomização da tecnologia, além de contextos históricos em que a humanidade já criou outros pontos sem retorno no conhecimento humano. Lembrando o conselho de Pessini, apresentado na conclusão de um artigo seu sobre as novas tecnologias que impactam a natureza, quem defende a bioética deve incitar o questionamento, através de um ceticismo em relação a verdades absolutas sobre o que deve ser melhor para o futuro do ser humano (Pessini, 2014).

O papel daquele que se considera um bom pesquisador deve ser justamente o de fazer a análise crítica das novas ideias, de exercer a ponderação e apresentar uma oposição quando

necessário. O personagem Flamínio, criado por Borges, decidiu deixar sua história a fim de informar sobre um exemplo de imortalidade na prática. A literatura convida à crítica e renovação de supostas verdades imóveis, especialmente se interpretada, através de uma metodologia sistematizada, como experimento de pensamento filosófico. Faz-se necessário repensar como as pesquisas, muitas vezes na forma de empreendimento, afetam não só aqueles envolvidos nela, mas toda a humanidade e o conhecimento humano. O diálogo bioético envolve propiciar a dialética, a fim de permitir a continuação do que é proveitoso e o encerramento do que é danoso.

REFERÊNCIAS

ALIFANO, Roberto. Conversaciones con Borges. Madrid. Editorial Debate, 1986.

BORGES, JL. Obras completas Jorge Luis Borges volume 1. Globo. São Paulo. 1999. p. 593-605.

POINT OF NO RETURN. In: **MERRIAM WEBSTER DICTIONARY**. **SPRINGFIELD**: Merriam-Webster Inc. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/point%20of%20no%20return>. Acesso em: 12 out. 2024.

GILLETT, Grant; **BOWYER**, Lynne. **BIOETHICS AND LITERATURE: An Exciting Overlap**. Journal of Bioethical Inquiry, Sydney, v. 11, n. 2, p. 135–136. 2014. Disponível: <https://doi.org/10.1007/s11673-014-9538-z>. Acesso em: 12 out. 2024.

ASHBY, Michael A.; **RICH**, Leigh E. **GOVERNMENT OF THE PEOPLE, BY THE PEOPLE, FOR THE PEOPLE: Bioethics, Literature, and Method**. Journal of Bioethical Inquiry, Sydney, v. 11, n. 2, p. 109–112. 2014 Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11673-014-9535-2>. Acesso em: 12 out. 2024.

NERY FILHO, Antônio et al. **BIOÉTICA E LITERATURA: relato de experiência do Eixo ético-humanístico FMB-UFBA**. Revista Bioética. Brasília, v. 21,n. 2, p. 344-349. 2013. Disponível em: http://revistabioetica.cfm.org.br/index.php/revista_bioetica/article/view/825/913. Acesso em: 12 out. 2024.

SANTOS, Mylla Regina Carneiro; **LINS**, Liliane; **MENEZES**, Marta Silva. “As intermitências da morte” no ensino da ética e bioética. Revista Bioética. Brasília, v. 26,n. 1, p. 135-144. 2018. Disponível em: http://revistabioetica.cfm.org.br/index.php/revista_bioetica/article/view/1393/1816. Acesso em: 12 out. 2024.

CARPI, Daniela (ed.). Bioethics and biolaw through literature. Berlim. De Gruyter, 2011.

PESSINI, Leo. **DISTANÁSIA**: Até quando investir sem agredir? Revista Bioética. Brasília, v. 4, n. 1, p. 31-43. 1996. Disponível em: Disponível em: http://revistabioetica.cfm.org.br/index.php/revista_bioetica/article/view/394/357

DOWNEY, Michael. Billionaire Philanthropists Funding Anti Aging. Life Extension Magazine. Fort Lauderdale, out. 2015. Disponível em: <https://www.lifeextension.com/magazine/2015/10/billionaire-philanthropists-funding-anti-aging-research>. Acesso em: 12 out. 2024.

JONAS, Hans. **IMMORTALITY AND THE MODERN TEMPER**: The Ingersoll Lecture. Harvard Theological Review. Cambridge, v. 55, n. 1, p. 1-20, 1962. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S0017816000024081>. Acesso em: 12 out. 2024.

MULTHAUF, Robert P.; **GILBERT**, Robert Andrew. Alchemy. Encyclopædia Britannica. Chicago: The Britannica Group, 2021. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/alchemy>. Acesso em: 12 out. 2024.

THE PRESIDENT'S COUNCIL ON BIOETHICS. BEYOND THERAPY: Biotechnology and the Pursuit of Happiness. Washington D.C.: Bioethics Research Library, 2003. Disponível em: <https://repository.library.georgetown.edu/handle/10822/559341>. Acesso em: 12 out. 2024.

FUKUYAMA, Francis. **OUR POSTHUMAN FUTURE**: Consequences of the biotechnology revolution. New York. Farrar, Straus and Giroux, 2002.

LOPES, Wendell Evangelista Soares. Temos o dever de morrer? Caderno CRH. Salvador, v. 25, n. 2, p. 169-183, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/19450>. Acesso em: 12 out. 2024.

JONAS, Hans. Technology as a Subject for Ethics. Social Research. Baltimore, v. 49, n. 4, p. 891-898, 1982. Disponível em: www.jstor.org/stable/40971222. Acesso em: 12 out. 2024.

JONAS, Hans. **O PRINCÍPIO RESPONSABILIDADE**: ensaio de uma ética para uma civilização tecnológica. Rio de Janeiro. Contraponto, 2006

LISBOA, Marijane. **ÉTICA E CIDADANIA PLANETÁRIAS NA ERA TECNOLÓGICA**: o caso da Proibição da Basileia. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2009.

PESSINI, Leo. **BIOÉTICA E O FUTURO PÓS-HUMANO**: Ideologia ou utopia, ameaça ou esperança? Encontros Teológicos. Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 107-130, 2014. Disponível em: <https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/view/127>. Acesso em: 12 out. 2024.